



Histórias de crianças: impacto das alterações climáticas nas suas vidas

Objetivos

Explorar as consequências das alterações climáticas na vida de milhões de crianças e jovens.

Desenvolver a sensibilidade dos/as alunos/as para circunstâncias de vida variadas.

Reconhecer o papel de cada criança e jovem na construção de um mundo mais sustentável.

Recursos

Histórias de apoio

Algumas sugestões de abordagem no currículo

Educação para a Cidadania; Ciências Físicas e Naturais; Ciências Sociais e Humanas; Português; Línguas Estrangeiras; ...

Estratégias metodológicas

Trabalho em pares e em grupo
Debate em grupo-turma
Assembleia

Duração

40
min

Idade preferencial

11-14
anos

Atividade desenvolvida por UNICEF Portugal,
com a colaboração da Direção-Geral da Educação

Histórias de crianças: impacto das alterações climáticas nas suas vidas

Esta atividade apresenta um conjunto de histórias de crianças e jovens¹ que relatam o impacto de catástrofes naturais nas suas vidas e algumas das soluções encontradas para responder às ameaças e promover a resiliência das comunidades.

Apresentação da atividade

10'

1. Para iniciar a atividade, divida a turma em grupos de quatro ou cinco elementos e peça para refletirem sobre a seguinte frase:

“Apesar de os países ricos ou em rápido crescimento serem os maiores consumidores de combustíveis fósseis e outros recursos, os impactos das alterações climáticas são, muitas vezes, sentidos de forma mais severa nos países mais pobres.”

2. Apresente no quadro da sala de aula ou numa tela o mapa-mundo (anexo 1) e explique que vão analisar algumas histórias de crianças do Bangladesh, Honduras, Zâmbia, Madagáscar e Burundi.

Desenvolvimento da atividade

30'

4. Distribua uma das cinco histórias a cada grupo (anexo 2 – parte 1) e informe que vão ter pensar em soluções para ajudar as crianças das histórias. Devem escrever as suas respostas numa folha de papel.

5. De seguida, apresente a cada grupo as soluções reais (anexo 2 – parte 2) e peça para analisarem as semelhanças e diferenças entre as soluções que encontraram e a história real.

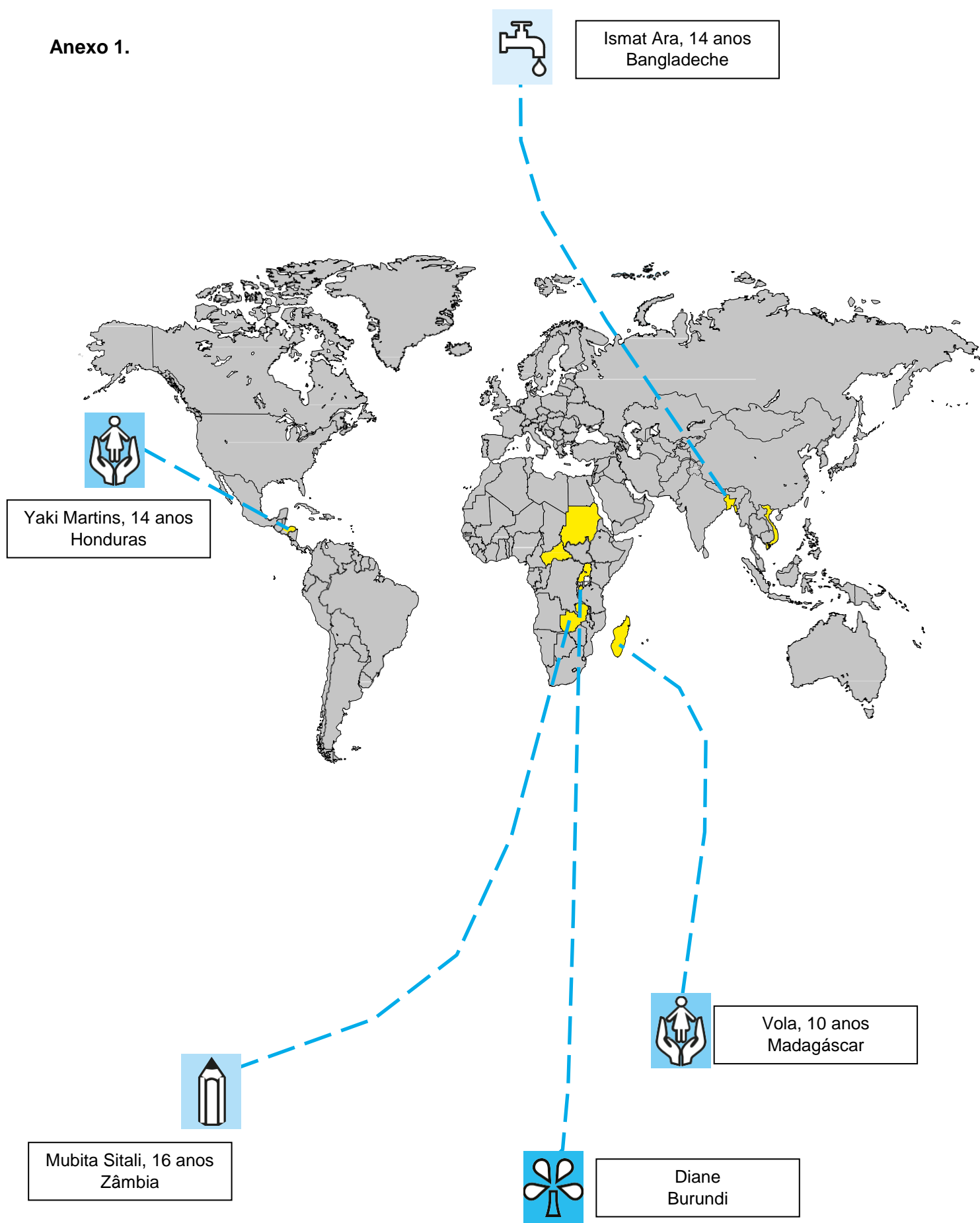
Um/a porta-voz de cada grupo apresenta as suas conclusões aos restantes colegas.

6. Para terminar, peça aos/as alunos/as para refletirem sobre as conclusões a que chegaram, tendo em conta a frase analisada no início da atividade.

A reflexão final deverá incidir sobre o impacto das nossas ações no planeta, principalmente, nas crianças que vivem em situações mais vulneráveis e promover a tomada de consciência e mudança de comportamentos face ao ambiente.

¹ As histórias foram adaptadas do Relatório “Children and the Changing Climate – Taking Action to Save Lives” (Comité da UNICEF no Reino Unido)

Anexo 1.



Anexo 2.

História 1.

PARTE 1

Nome: Yaki Martins

Idade: 14 anos

País: Honduras



Com o Oceano Atlântico a este e o Pacífico a sudoeste, as Honduras estão numa localização particularmente suscetível de serem afetadas por desastres naturais, incluindo furacões, tempestades tropicais, inundações e chuvas torrenciais. Num país com uma das maiores taxas de pobreza infantil na América Latina, o impacto destas catástrofes sobre as crianças e suas famílias é devastador. Entre 1994 e 2013, as Honduras foram classificadas como o país com maior risco de catástrofes na sequência de condições meteorológicas extremas.

Yaki Martins, 14 anos, é de Cedeño no Golfo de Fonseca, no sul de Honduras. Os cerca de 6 000 habitantes vivem à beira-mar e dependem do mar para a sua subsistência. Há quatro anos, a casa de Yaki ficou destruída depois de uma onda gigante ter assolado a sua zona.

O que poderia ser feito para ajudar Yaki e os seus amigos a ultrapassar o medo de futuros desastres naturais?



PARTE 2

Nome: Yaki Martins

Idade: 14 anos

País: Honduras



Para apoiar as crianças afetadas por desastres naturais nas Honduras, ajudá-las a ultrapassar os seus medos e reduzir os danos de desastres futuros, a UNICEF organiza ações para sensibilizar crianças e jovens para os riscos das tempestades e prepará-los para responder em caso de ocorrência de uma situação grave.

Milhares de crianças de várias escolas do país têm participado em exercícios de simulação de situações de emergência e as escolas têm desenvolvido Planos de Emergência e Evacuação.



História 2.

PARTE 1

Nome: Vola

Idade: 10 anos

País: Madagáscar



As crianças de Madagáscar enfrentam um futuro incerto devido à pobreza, insegurança alimentar e violência. Este país no Oceano Índico é também um dos países mais vulneráveis aos impactos das alterações climáticas, o que torna a situação das crianças ainda pior. Dezasseis das vinte e duas regiões do país estão em risco de ciclones tropicais, secas prolongadas, chuvas e inundações. Estas catástrofes são cada vez mais intensas e mais frequentes.

Em janeiro de 2015, o ciclone Chedza afetou mais de 174 000 pessoas. Um mês depois, chuvas intensas provocaram mais inundações e milhares de crianças foram obrigadas a abandonar as suas casas.

A escola que Vola frequentava ficou destruída pelo ciclone.

O que poderia ser feito para ajudar a Vola a voltar à escola?



PARTE 2

Nome: Vola

Idade: 10 anos

País: Madagáscar



Quase todos os anos, as escolas feitas de troncos de madeira ficam destruídas por ciclones tropicais em Madagáscar. Em resposta a esta situação, a UNICEF construiu escolas sólidas e resistentes a ventos fortes, como é o caso da escola de Vola.

Estas escolas são feitas de tijolos ou blocos de cimento e reforçadas com armações de aço. As novas escolas têm também sistemas de abastecimento de água resistentes a desastres.

Agora, Vola sente-se segura e gosta de ir à escola.



História 3.

PARTE 1

Nome: Ismat Ara

Idade: 14 anos

País: Bangladeche



Ciclones tropicais, tempestades, elevação do nível do mar, secas e temperaturas extremas são alguns dos desafios que afetam milhões de pessoas no Bangladeche, principalmente aquelas que vivem em planícies e nas regiões costeiras.

Na sequência das inundações em 2007, 1,85 milhões de casas foram destruídas ou danificadas, 1,2 milhões de hectares de plantações ficaram danificadas e 8 milhões de pessoas ficaram desalojadas. Centenas de milhares de crianças foram forçadas a viver em acampamentos improvisados sem acesso a serviços básicos, como alimentação, água e educação.

Em agosto de 2015, as chuvas destruíram milhares de casas na aldeia de Sundormahal, deixando muitas pessoas sem acesso a água potável e correndo o risco de contrair doenças. As mulheres e raparigas tinham de andar quase duas horas, duas vezes por dia, para ir buscar água para a família.

O que poderia ser feito para ajudar Ismat e a sua família a ter acesso a água potável?



PARTE 2

Nome: Ismat Ara

Idade: 14 anos

País: Bangladeche



A UNICEF construiu um sistema de aproveitamento e tratamento de água, designado MAR. A água é recolhida de lagos e telhados de casas durante a estação das monções e, depois de tratada e transformada em água de qualidade e em condições para beber, pode ser extraída pelas populações com uma bomba manual. Este sistema é resistente a cheias e ciclones, uma vez que a água é armazenada no solo.

As comunidades têm agora acesso a água potável durante todo o ano.



História 4.

PARTE 1

Nome: Diane

Idade: adolescente

País: Burundi



O Burundi é um dos países mais densamente povoados de África. É também um dos mais jovens e dos mais pobres - metade da população tem menos de 18 anos e 81,3% da população vive com menos de 1,25 dólares por dia. Após as eleições de 2015, as crianças de Burundi sofreram com a instabilidade política que se vivia no país. As crianças estão também expostas aos perigos das alterações climáticas, como perda das suas colheitas devido à seca de rios e lagos ou às chuvas torrenciais que afetam as suas comunidades.

No Burundi, 97% da população não tem acesso a eletricidade proveniente da rede de distribuição, o que significa que dependem de recursos não renováveis, como madeira e querosene. As crianças estudam à noite utilizando lâmpadas de querosene; estas são altamente poluentes, libertam muito fumo e são nocivas para a saúde. As mulheres e raparigas têm receio de sair de casa à noite pela falta de luz, bem como de utilizar a casa de banho.

O que poderia ser feito para ajudar a Diane a ter luz em casa?



PARTE 2

Nome: Diane

Idade: adolescente

País: Burundi



O Projeto Lumiere da UNICEF disponibiliza lanternas LED a famílias que vivem em zonas rurais do Burundi, onde não há acesso a eletricidade. As “Nuru”, como são chamadas as lanternas, podem ser utilizadas na cabeça e têm autonomia de até 10 dias; são recarregáveis através de geradores movidos a pedal.

Este produto possibilita que as crianças brinquem, leiam e escrevam à noite, mesmo que não tenham eletricidade nas suas casas.



História 5.

PARTE 1

Nome: Mubita Sitali

Idade: 16 anos

País: Zâmbia



A Zâmbia é um país altamente propenso a secas, inundações e temperaturas extremas. Estas situações têm aumentado, em intensidade e frequência, nas últimas décadas, afetando negativamente a segurança alimentar, o acesso a água potável e os meios de subsistências das famílias. Desde 1960, a temperatura média anual aumentou 1,3 °C, enquanto a precipitação diminuiu cerca de 2,3% por década. A diminuição das chuvas e aumento das temperaturas levou à diminuição das colheitas – causando um decréscimo de 21% na produção agrícola em 2015 e, consequentemente, aumento da má nutrição e dos casos de malária.

A idade média da população é 16,7 anos. Nesse sentido, os jovens têm um papel crucial na construção de um país mais sustentável e resiliente aos desastres naturais.

O que é que os jovens poderiam fazer para proteger o ambiente?



PARTE 2

Nome: Mubita Sitali

Idade: 16 anos

País: Zâmbia



Mubita é um dos jovens “embaixadores pelo clima” do programa da UNICEF “Unite4Climate”.

Este programa, desenvolvido por jovens, já formou mais 1 000 embaixadores na Zâmbia e tem como objetivo sensibilizar crianças e jovens para as causas e potenciais soluções para as alterações climáticas, bem como alertar os líderes mundiais para o impacto dos desastres naturais nas crianças.

Os embaixadores organizam ações em escolas para crianças e jovens entre os 11 e os 17 anos, programas de rádio, reuniões com líderes locais e mundiais sobre políticas ambientais e já desenharam até uma escola flutuante em Mongu, uma zona muito afetada pelas cheias.

